

Escola de Desenho de Ulm

Foi pensando, tristemente pensando na minha modesta iniciação visual, que penetrei na sala do Museu de Arte Moderna para ver a exposição da Escola de Desenho de Ulm, na Alemanha. Habitado ao exercício de uma visão simples, onde o mar, o céu, as árvores tomam sempre as suas formas e cores habituais, em que os dias, os meses e as estações, todos os anos, se manifestam pela mesma luz e o mesmo colorido, embora nos dêem a sensação de permanente novidade, foi com certa apreensão e muita curiosidade que entrei na sala; apreensão provinda da incerteza de alcançar as altas virtudes dos trabalhos expostos, curiosidade de assistir à revelação de uma maneira de ver que seria o reflexo de uma nova sabedoria, precisamente aquela que emana das recentes e eminentes descobertas nos campos da psicologia, da lógica, da física e das matemáticas.

E, para não me apanhar desprevenido, eu, que não sou muito afeiçoado à leitura de verbetes de enciclopédia, procurei repassar no espírito algumas daquelas coisas da *Análisis Situs* e da *Lógica Formal*, que leio freqüentemente, mas que, confesso, trago sempre imperfeitamente sabidas. E, com o espírito assim forrado de avivadas lembranças, aproximei-me do local aonde uma morfologia dos objetos, mais nova e mais congênere com a vida moderna, iria me convencer, pela experiência visual, de uma relação mais sutil e transcendente entre os homens e as coisas.

Mas, com surpresa, na sala quase vazia, em vez de uma documentação convincente dessa nova e deleitável visão, vi, ao lado de meia dúzia de pinturas, apenas fotografias onde apareciam os rostos veneráveis dos professores da Escola; vi também, é verdade, e me cumpre revelar aqui, profundamente decepcionado, que a Escola funciona num edifício sem graça arquitetônica, mal construído, segundo planta desenhada por mão pouco hábil.

Olhei rapidamente as fotografias, contemplei por um momento os quadros de Klee e Kandinsky, e, como não havia mais nada para ver, juntei todos os meus pequenos recursos de ordem psicológica e todas as minhas lembranças de origem matemática num reduzido canto da memória, e saí; saí convencido que não era possível julgar das atividades daquela Escola de Desenho por uma exposição tão pobre, e fui formulando em meu pensamento, vagarosamente, as razões que a tinha conduzido a semelhante fracasso.

Juntamente com a minha decepção de não poder ver aplicados a objetos de uso diário e corrente, para sua melhor expressão estética e estilística – em termos, seja dito, da experiência visual – a curva de Jordan, ou o teorema de Alexander, ou o número de Betti, que estão intimamente ligados à conexidade das superfícies, quero assinalar que as razões que encontrei também não me satisfazem: não posso crer que houvesse falta de tempo, ou dificuldade de transporte, ou exigüidade de espaço, que motivassem a precária exibição. Mais plausível seria, talvez, admitir a imaturidade, a incerteza nos resultados até agora alcançados, ou então o pequeno vulto dos trabalhos realizados, ou ainda a escassa aceitação por parte de firmas industriais ao encomendarem novos modelos para os seus produtos.

De qualquer maneira a dúvida persiste: Que se pode concluir dessa exposição? Que a Escola de Ulm é uma reprodução medíocre de Bauhaus? Que os resultados conseguidos não estão ainda no nível de apuro técnico e formal suficiente a uma apresentação condigna? Que não foi possível ainda alcançar no setor das artes industriais o alto nível de Bauhaus e, portanto, seria inconveniente para uma Escola que se diz sucessora daquela apresentar resultados inferiores?

Todas essas perguntas poderão ser respondidas mais tarde numa outra exposição melhor programada, com um razoável número de trabalhos, de professores e de alunos, que a Escola de Ulm fica a nos dever; mas enquanto aguardamos que ela se verifique, conjeturemos, uma

vez que não há fatos positivos, como se estariam processando, neste momento, as pesquisas desses professores de inegáveis merecimentos, pesquisas que estão largamente sugeridas nos preceitos da moderna Estética Industrial. Partindo de um ponto de vista SKFUMÓRFICO – para introduzir o termo técnico há anos criado por Etienne Souriau – até onde teriam eles, os professores, chegado na investigação da arte propriamente IMPLICADA, isto é, a arte que resulta da própria função do objeto, para descobrir nela o traço indiscutível de um valor estético; como estariam conseguindo a conciliação que se poderá alcançar, certamente e futuramente, no trabalho industrial, orientado para a qualificação estética, entre uma possível INDIVIDUAÇÃO que é a realização do objeto, industrialmente, com gratuidade, de forma para atender ao gosto individual e à ESTANDARTIZAÇÃO, que é a realização do objeto em série, e imposto ao comprador, com os recursos da propaganda comercial; a primeira, já hoje presentida pelas altas possibilidades da moderna ANÁLISE COMBINATÓRIA, a segunda, já de uso corrente com o trabalho em cadeia; conciliação que é um problema importante para os estudiosos da Cibernética; como procurariam aqueles professores, no problema da invenção da forma moderna, tirar partido do choque emotivo, partido mais atualizado e mais dirigido, evidentemente, pois não é novidade nenhuma o seu uso na arte contemporânea.

Mas, estou divagando. Pediram-me para escrever sobre a Exposição da Escola de Desenho de Ulm, e me perdi nas linhas de influência de antigas e novas leituras. É melhor aguardar, aguardar a exposição que a Escola de um Ulm deve assumir o compromisso de promover ali, nesse mesmo Museu de Arte Moderna, que existe em função também dessas investigações e é instituição que merece indiscutivelmente a simpatia de todos os interessados pelos problemas culturais em nosso país.

1956